

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História

TOCADORES DE BOI

Um olhar sobre os peões de rebarba do Noroeste mineiro de 1958-1970

MÁRCIO CARVALHO DE SOUZA

MÁRCIO CARVALHO DE SOUZA

TOCADORES DE BOI

Um olhar sobre os peões de rebarba do Noroeste mineiro de 1958 a 1970

Monografia apresentada ao curso de graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Drº Newton Dângelo.

Uberlândia. Abril de 2005

MÁRCIO CARVALHO DE SOUZA

TOCADORES DE BOI

Um olhar sobre os peões de rebarba

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Newton Dângelo

Doutorando Ricardo Vidal Golovaty

Mestrando Elmiro Lopes da Silva

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao prof. Dr. Newton Dângelo pela orientação. Ao amigo Délcio Garcia pelas relevantes considerações e a Tathiane Ucha pelo apoio indispensável à concretização desse trabalho.

Agradeço, também, a todos os senhores e senhoras do Noroeste mineiro que contribuíram para essa pesquisa, obrigado pela atenção, pela receptividade e pelo cafezinho.

*“Tem um ditado tido como certo
Que cavalo esperto não espanta a boiada
E quem refuga o mundo resmungando
Passará berrando esta vida marvada”.*

BOLDRIM.Rolando.Vide vida marvada.

Sumário

Considerações iniciais.....	08
1. A constituição da prática boiadeira.....	08
CAPITULO I (A vida sertaneja no noroeste mineiro na primeira metade séc. XX.)	
1.1 Modo de vida	15
1.2 A vida “urbana” no Noroeste mineiro nos anos 50.....	19
1.3 A pecuária	22
CAPITULO II (Anos 60: Um período de grandes mudanças na vida sertaneja).	
2. A deteriorização do universo sertanejo.....	26
2.1 As transformações no modo de produção.....	28
2.2 A energia elétrica e a chegada da TV.....	33
CAPÍTULO III. (<i>A prática boiadeira e os peões de arrebo</i>)	
3. A prática boiadeira.....	37
3.1 A boiada dos Paulistas de 1958: “uma grande boiada”.....	41
3.2 Os peões de rebarba ou arrebistas.....	51
4. considerações finais.....	55
Bibliografia.....	58
Anexos.....	60

RESUMO

O presente trabalho procura pensar os antagonismos e particularidades que permeiam as várias vivências dos peões boiadeiros do Noroeste de Minas, seus valores, costumes e as relações estabelecidas entre esses e a natureza tendo como abordagem central a figura do peão de rebarba. O recorte historiográfico remete à década de 60 devido a uma série de fatores e acontecimentos que somados contribuíram para a transformação do Universo Sertanejo bem como a descaracterização de seus sujeitos.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1. A constituição da prática boiadeira

As boiadas correspondem a uma prática comum em quase todo território nacional que, em síntese, constitui-se no deslocamento de rebanhos bovinos a passo de um local a outro, ação coordenada por uma comitiva de peões onde cada um exerce funções previamente determinadas. Não se configura num fenômeno estritamente brasileiro, podendo ser percebido em outros países como Índia, EUA, Canadá, México e Argentina. Os principais motivos que levam à formação de uma boiada é a mudança por rotação de pastagens ou a negociação do rebanho e desde os tempos mais remotos os motivos são basicamente estes.

No Brasil, a bovinocultura iniciou-se sem grande alarde. Os primeiros animais vindos da Europa tinham objetivo claro: atender as demandas nacionais por carne e leite e servir como motor propulsor nas diversas lavouras de cana e engenhos açucareiros. Com o passar dos anos, bolsões bovinocultores começaram a surgir em regiões distintas do Brasil como no Sul, Sudeste e Nordeste. A partir daí, e ao longo do tempo, a bovinocultura foi se espalhando pelo país e mantendo certa independência enquanto prática econômica se desvinculando, sensivelmente, de outras atividades como a produção açucareira a plantação de algodão e o café. Com isso, a pecuária transformou-se também num dos principais meios de ocupação territorial por apresentar na criação extensiva baixos custos em investimento, mecanização e mão de obra.

Na região das Minas Gerais, o boi chegou de maneira sistemática no início do séc. XVIII para atender às demandas do período áureo que necessitava do boi para diversas finalidades como arrastar, transportar, arar e moer. Em resumo, o boi era não apenas fonte de alimentação, mas também uma ferramenta de trabalho indispensável. E à medida que novas jazidas eram encontradas Diamantina, Sabará, Caeté, Minas Novas e Paracatu¹, a criação de gado

¹ Não necessariamente nessa ordem.

espalhava-se ganhando novos espaços, cobrindo rapidamente os vales férteis do São Francisco e de seus principais afluentes, além do Vale do Jequitinhonha, Noroeste Mineiro e Alto Paranaíba. Paulatinamente, a bovinocultura foi consolidando o domínio territorial e fundando pequenas vilas. A partir de então, ver-se-ia o que chamavam de Sertão cobrir-se de diversas boiadas que rumavam em direção ao norte, primeiramente para Sabará e depois para Pernambuco e Recife. Essa hegemonia da rota boiadeira do norte duraria até o início do séc. XX quando, aos poucos, foi sendo substituída pela rota sul que se dirigia a Barretos passando pelo Triângulo Mineiro.

Essas informações básicas têm como objetivo exclusivo, expor informações históricas sobre essa prática. No entanto, o que interessa a esse trabalho não é a consolidação da prática boiadeira nem suas rotas comerciais, mas sim, seus sujeitos em especial o *peão de rebarba* (*também chamado de arrebista ou peão de arrebo*) um tipo de peão boiadeiro que, ao que tudo indica, vivia quase que exclusivamente da lida com o gado e talvez por isso tenha desaparecido daquela região. A condição sócio-histórica do peão de rebarba – em determinado momento - irá situá-lo de maneira particular, não só em relação aos demais sujeitos da boiada, mas ao próprio universo sertanejo. Para melhor compreendê-lo será preciso entender a vida do peão boiadeiro e suas experiências no transporte das boiadas, observando valores, costumes e a relação homem-natureza, buscando perceber como esses homens se comportavam perante uma série de fatores e acontecimentos que após a segunda metade do século XX contribuíram para acelerar um processo de deteriorização do Universo Sertanejo. Fenômeno que ainda se faz presente variando em tempo, espaço e intensidade.

Como este estudo se refere, especificamente, às práticas boiadeiras do Noroeste Mineiro, centrarei minha análise no período que vai de 1958 a 1970 por abarcar uma série de transformações e acontecimentos que alteraram significativamente o espaço material e cultural daquele lugar, marcando também o momento de decadência da prática boiadeira bem como de sua base de sustentação. Percebemos também, nesse momento, uma crise estrutural daquela sociedade evidenciada pelas relações inter-sociais de rearranjo espacial e cultural.

A fim de facilitar a abordagem, o trabalho foi dividido em três etapas, discutidas em três capítulos. No primeiro, discutiremos as características mais marcantes do universo sertanejo daquela região anterior a 1958. Para isso, serão discutidos costumes, práticas e concepções típicas do horizonte cultural daquelas pessoas. Num segundo capítulo, pensaremos a prática boiadeira a partir de diversas entrevistas e de vários depoimentos que relatam uma grande boiada que se formou no extremo norte de Minas em 1958. No terceiro capítulo, refletiremos sobre as transformações que atingiram o Noroeste Mineiro no período especificado acima, procurando compreender como os sujeitos aqui pesquisados reagiram a essas transformações.

Uma das principais fontes historiográficas desse trabalho é a pesquisa oral tendo em vista a carência de material escrito sobre o tema, bem como de informações substanciais referentes ao objeto específico. A maior parte das fontes escritas encontradas estavam em materiais periódicos, na maioria das vezes revistas agropecuárias. Nessas, o universo das boiadas é mostrado de modo demasiado romanesco e o boiadeiro retratado como um ser exótico. Posteriormente, será interessante pensar de maneira sistemática sobre essa forma de abordagem e percepção equivocada que ao apresentar a boiada também a ignora.

Imagem 1: Arquivo particular. Vista parcial da antiga estrada do ouro. No detalhe uma ponte de fabricação tipicamente sertaneja



11

Outra característica importante da pesquisa foi o trabalho de campo: em pouco mais de seis meses, visitei várias pessoas, conheci diversos lugares, realizei tarefas e funções com o objetivo de situar-me o mais próximo possível do meio que pretendia conhecer. (Ver imagens em anexo) Para isso, percorri um pequeno trecho de 78 Km procurando resquícios da antiga estrada boiadeira também conhecida como Estrada do Ouro que ligava Paracatu à cidade de Sabará e que segundo consta teria sido aberta no final do séc. XVIII². (ver imagem 1.) O trecho que percorri liga o Porto Diamante do rio da Prata à chamada Terra Azul. Durante o trajeto procurei vestígios da antiga estrada, o que nem sempre fora possível. Em muitos lugares ela simplesmente desaparecera obstruída por lavouras ou interrompida por novas divisas. Todavia, apesar dos anos, em alguns trechos ainda é possível identificar o chão pisado e fundo marcado por constantes passagens. Uma Porteira velha documentava a estética de um povo, materializada em linhas retas, precisas, de poucos adereços, mas de entalhes e detalhes cuidadosamente desenhados pelo corte afiado da enxó³. Porteira que apesar do tempo, dos cupins e de incontáveis dias de Sol e chuva ainda teima em resistir e exerce a função desnecessária de indicar um caminho para o qual não mais existem viajantes. Algumas feitorias como um velho moirão guarda o fazer, a intencionalidade, a sensação de persistência. Foi feito para durar e fincado para permanecer. Registro de uma gente que valorizava a durabilidade.

Pelo caminho foi possível observar a fauna, a flora, o relevo e as travessias. Mudanças na paisagem como a predominância do gado branco ou de vacas

² Segundo consta a mando do bandeirante Manoel Borba Gato o qual, por sua vez, obedecia a ordem de seu sogro Fernão Dias.

³ Instrumento de cabo curto e com chapa de aço cortante, para desbastar madeira.

holandesas mostra muito mais do que melhoramento genético. São exemplares da supremacia de uma nova lógica de produção.

As observações colhidas nessa viagem somaram-se a outras: fiz questão de trabalhar quase um mês entre os vaqueiros da Fazenda São Jerônimo situada no município de João Pinheiro. O objetivo era investigar e conhecer melhor como os novos vaqueiros daquela região se organizavam. O que faziam após o expediente. Sobre o quê conversavam. Como estabeleciam os laços de cooperação e amizade. Como se relacionavam com a terra, com o gado. Em fim, o objetivo era definitivamente adentrar naquele universo, buscando exauri-lo ao máximo para compreender todos os vícios, crenças, valores e costumes.

É preciso ressaltar que esse tipo de abordagem tornou-se indispensável devido à necessidade de ampliação do campo documental e das características intrínsecas da proposta de pesquisa o que resultou num verdadeiro leque de fontes e documentos ainda pouco explorados.

Esta pesquisa terá como foco central compreender as particularidades de uma estirpe de boiadeiros que, ao que tudo indica, comportava-se de maneira particular perante os demais peões que formavam uma comitiva. Como não havia nenhum termo para defini-los adotou-se a expressão *Peão de Rebarba*⁴ a qual será utilizada nesse trabalho para definir um tipo social e não apenas uma função como era o caso da expressão *peão de culatra* que apesar de ser conhecida pelos boiadeiros não serve para definir os sujeitos aqui pesquisados.

Também não usaremos a expressão “*caipira*”, por ser entendida por aqueles como depreciativa aproximando-se de definições ultrajantes como as do tipo “*jeca*” ou “*roceiro*”. A expressão “*universo sertanejo*” será usada para referir-se ao ambiente cultural e simbólico e “*sertão*”, exclusivamente, para definir o espaço geográfico. Evitaremos denominações como “*homem do campo*” ou “*camponês*”, pois, para o sertanejo, *campo* refere-se a um espaço geográfico restrito, limpo e sem mata⁵. Para os sertanejos do Noroeste de Minas o sertão comporta todos os

⁴ Para os sertanejos do Norte e Noroeste de Minas *rebarba* refere-se àquilo que não faz parte do conteúdo a sobra. Uma rês de rebarba é uma rês distanciada do corpo da boiada daí a expressão “*voltou pra pegar um boi de rebarba*”.

⁵ Exemplo disso são as regiões do Campo do Bandeira, da Extrema e da Garrota Brava⁵.

campos. Dificilmente falam em planeta Terra, terra - para eles - é basicamente o chão e o que entendemos como sendo Terra para eles é mundo ou tão somente sertão.

CAPITULO I

A vida sertaneja no noroeste mineiro na primeira metade do séc. xx

1.1 Modo de vida

Os costumes e valores sertanejos do Noroeste mineiro apresentados a seguir referem-se à primeira metade do século XX e correspondem a um período anterior à chegada da eletrificação rural, da agricultura mecanizada, das grandes rodovias e das modernas práticas da pecuária leiteira. Até 1950 aquela região abrigava diversos tipos de sujeitos, os quais estabeleciam uma teia de relações que tinha como um dos pilares a auto-sustentação do grupo.

Eram, em síntese, mão de obra barata; homens sem terra ou proprietários de pequenas propriedades que precisavam vender sua força de trabalho aos grandes latifundiários. O contingente humano era numeroso.

Relatórios do DCB ⁶ permitem afirmar que em 1963 a região do Cachingó⁷ possuía uma população pelo menos 20 vezes maior que a registrada hoje⁸. Tratava-se de homens, mulheres e crianças que se revezavam nas mais variadas tarefas estabelecendo, junto ao meio ambiente, uma espécie de degradação ambiental moderada.

As práticas de cultivo usadas pelo sertanejo destruíram significativas faixas de cerrado nativo para o plantio de milho, arroz e feijão. A terra era preparada e cultivada seguidamente por três ou quatro anos com o objetivo de “*amansar a terra*” e depois aquele espaço era formado em *capim provisório* destinado à pecuária. Essa prática sistemática e perene destruiu florestas inteiras. Madeiras nobres como a Aroeira, Bálsamo, Jatobá, Ipê, Sucupira, Tinguí ⁹ e outras, praticamente desapareceram vitimadas pela fabricação de benfeitorias ou foram, simplesmente, eliminadas por meio de queimadas, outra prática igualmente danosa.

⁶ Departamento de Combate ao Barbeiro da Secretaria de Saúde Da Prefeitura Municipal de João Pinheiro 27/03/1963

⁷ Região agrícola do Noroeste Mineiro próximo à cidade de João Pinheiro.

⁸ Resultado extra-oficial colhido a partir de leitura dos laudos da SUCAM da época e entrevistas e levantamentos junto aos atuais moradores.

⁹ Nome popular de madeiras típicas do cerrado. Algumas estão em extinção.

Além disso, fazia parte do cardápio sertanejo uma série de animais silvestres caçados com freqüência e destinados ao consumo.(*imagem 2*) Já outros eram eliminados pela própria hegemonia espacial ou por autodefesa. Essas informações são importantes para que possamos repensar a visão de que o sertanejo vivia em “pleno estado de equilíbrio com a natureza”, o que não só é um equívoco como dificulta a pensar as relações que este irá estabelecer com o mesmo espaço em condições futuras.



**Imagem 2: Arquivo particular.
Sertanejo com a caça 1951**

No entanto, é preciso reconhecer que os estragos causados pelo modo de vida sertanejo são incipientes se comparados às modernas práticas de desmatamento e cultivo. O Sertanejo praticava uma espécie de degradação controlada, medida por mecanismos subjetivos que tendiam a um equilíbrio entre a necessidade e a abundância, percebiam um limite em sua ação predatória; o excesso e o desperdício eram evitados em quase todas as esferas da vida social.

O sertanejo conhecia muito bem o ambiente onde estava inserido, sabia o nome de quase todas as plantas onde nasciam e para que serviam. Conhecia diversos tipos de solo, sabiam de que forma, como e quando plantar. Todos os afazeres - por mais simples que fossem - estavam repletos de saberes acumulados.

Havia nesse arcabouço teórico princípios de física, matemática, biologia e química, mesclados a pressupostos míticos ou religiosos o que permitia a eles um mecanismo de leitura espacial e de soluções práticas surpreendente fato este que desperta ainda hoje o interesse de pesquisadores.

Até meados do século XX, o campo preponderava em relação aos pequenos vilarejos do noroeste mineiro. Os homens mais influentes eram grandes fazendeiros proprietários de vastas extensões de terras, os quais exerciam significativo domínio sobre aquela região. (*imagem 3*)

O poder desses fazendeiros media-se pelo tamanho da propriedade, pela quantidade de bois existentes nela e por sua capacidade de arregimentar e “influenciar” grandes contingentes humanos. Para isso, dava serviço a todos,



Imagem3: Arquivo particular de Abel Lopez Caçado. Esta foto reúne grandes criadores de gado de João Pinheiro emparelhados ao prefeito (primeiro, da esquerda para a direita) na festa agropecuária da cidade. Julho de 1965,

mantendo o maior número possível de pessoas sob sua “custódia”.

Esses fazendeiros ainda eram chamados de Coronéis e se portavam como tais, gozavam de amplos poderes e facilidades junto ao poder oficial e procuravam, junto aos sertanejos, gestar a imagem de durões, porém justos e presentes nas “necessidades básicas” dos moradores. Por isso, cobravam firmeza no trato e obediência aos costumes. Faziam questão de contribuir para as festas de Reis e São João, patrocinavam o sanfoneiro e quando não havia nenhum na comunidade mandava vir de fora.

Patrocinavam também a cachaça Chora Rita distribuída a gosto juntamente com um bom rapé. E assim, o catira “varava a noite”. No entanto, o consumo do álcool em demasia levava a uma série de sansões morais tanto por parte de uma

sociedade que supervalorizava o trabalho quanto pela intervenção direta do coronel que suspendia, em caso de excessos, a distribuição da bebida.

1.2 A Vida “Urbana” no Noroeste de Minas nos anos 50



Imagem 4: Arquivo particular. Esta foto foi tirada no centro da “cidade” de João Pinheiro em 1943. A cidade nasce à beira de uma estrada boiadeira.

Até meados do séc. XX, a maioria das pequenas cidades do Noroeste Mineiro não passavam de vilas rurais onde quase todos viviam ou dependiam diretamente do campo. (*imagem 4*) Comiam arroz e feijão vindos das chamadas “Roças” tocadas à meia. A carne não era tão escassa como se costumou acreditar, comia-se muita carne de porco curtida em banha e conservada em grandes latas. A banha era indispensável, uma vez que praticamente não se usava óleo vegetal. Talvez por isso, fosse grande a quantidade de porcos criados à solta ou em pequenos cercados - os chiqueiros - o que posteriormente gerou polêmica e sanções por parte das autoridades políticas e sanitárias¹⁰.

Outra carne muito apreciada era a de frango que por ser considerada mais suave e de sabor delicado, era consumida aos domingos e datas comemorativas.

¹⁰ Atas da Câmara municipal de João Pinheiro de 12/08/1967 dão conta de diversas reclamações de pessoas contrárias àquela prática.

A carne de gado, curiosamente, tinha baixo consumo. Quanto menor o vilarejo menos carne de gado se consumia. Uma das razões é que naquela economia, a carne bovina estava voltada para outros mercados, não fazendo parte daquela dieta de subsistência.

Era comum a socialização de espaços privados, o que deve ser entendido da seguinte forma: as casas tinham, primeiramente, um *terreiro*¹¹ onde vários animais se misturavam, às margens desse havia o quintal não necessariamente cercado. As cercas pareciam mais voltadas para o que saía e a utilização de muros praticamente inexistia. (*imagem 5*)



Imagem 5: Arquivo particular. O pequeno vilarejo de São Pedro da ponte firme antigo reduto de boiadeiros na paisagem a arquitetura sertaneja divide espaço com a antena parabólica. Janeiro de 2006.

Como estavam, de certa forma, alijados do poder institucional, penso que possuíam uma noção particular acerca do espaço público. O público parece ser pensado, primeiramente, como um espaço além do privado e não como espaço de todos nesse sentido é importante pensarmos a noção de estrada e rua para o sertanejo. Para eles, a estrada é um espaço aberto a todos, onde as cancelas não devem impedir o ir e vir, a livre circulação.

¹¹ Entendam simplesmente como espaço de terra, geralmente, plano e largo.

No entanto, a estrada não é de quem passa e nem do proprietário da terra por onde essa se estende. A estrada carrega a estranha impressão de propriedade de ninguém. E de certa forma essa concepção parece ter sido trazida para as pequenas vilas e cidades onde as áreas de acesso continuaram servindo a todos sem necessariamente ser entendidas como pertencentes ao todo.

Essas observações são importantes por levantarem questões diretamente ligadas à ruralização do espaço urbano na medida em que os valores e costumes daquela sociedade são readaptados para outros ambientes.

1.3 A pecuária

A bovinocultura era organizada em grandes propriedades onde o gado era criado de maneira extensiva. Nessas a pecuária leiteira praticamente inexistia não havendo grandes razões para a produção de leite. Do pouco leite produzido fazia-se queijo, requeijão ou manteiga: três especiarias sertanejas. A produção leiteira, além de muito pesarosa, era pouco lucrativa e a maioria dos grandes produtores sequer fazia a ordenha de todas as matrizes. O bezerro criado ao puro leite crescia mais rápido e saudável e, ele sim, era o objetivo principal. Ou seja, a carne.

As etapas de produção não eram divididas de maneira sistemática. O boi era abatido, normalmente, tendo de quatro a seis anos¹². A criação extensiva exigia grandes áreas: para se criar mil bois era preciso uma vasta extensão de terra e, muitas vezes, não havia cercas no interior das grandes fazendas o que significa dizer que o rodízio de pastagens também não era praticado.

O vaqueiro passava quase todo o dia campeando, observando os animais e procurando reses desaparecidas. Em estações chuvosas os bezerros recém nascidos eram levados para o curral onde recebiam cuidados básicos como a cura do umbigo realizada com azeite de mamonas. Após alguns dias eles eram soltos juntamente com as mães. Caso existissem onças, a soltura tardava um pouco e uma vez em regime de pasto, eles raramente voltavam ao curral o que os tornava ariscos. Eram criados, mas dificilmente domesticados, pois as antigas fazendas possuíam características que permitiam ao gado viver quase em estado de natureza.

As pastagens eram naturais e os animais desapareciam dentro do matagal; para encontrá-los somente com muita destreza e experiência. O gado vivia como um “bicho do mato”.

Hoje as pastagens são limpas e praticamente não há lugar para os animais se esconderem. Este fato é uma visão distorcida sobre o ambiente bovino, pois se

¹² Atualmente esses animais são abatidos bem mais cedo. Alguns sequer atingem a idade adulta, pois a precocidade é uma das principais exigências do mercado atual.

pensa apenas pelo viés do manejo facilitado e da engorda rápida. Relatos indicam que apesar do ambiente aparentemente sujo, os animais das antigas fazendas eram saudáveis e sentiam menos os efeitos de doenças provocadas pelo enclausuramento - que não é de causar surpresa. Afinal, nos atuais campos de pastagens praticamente não há árvores. (*Imagem 6*)

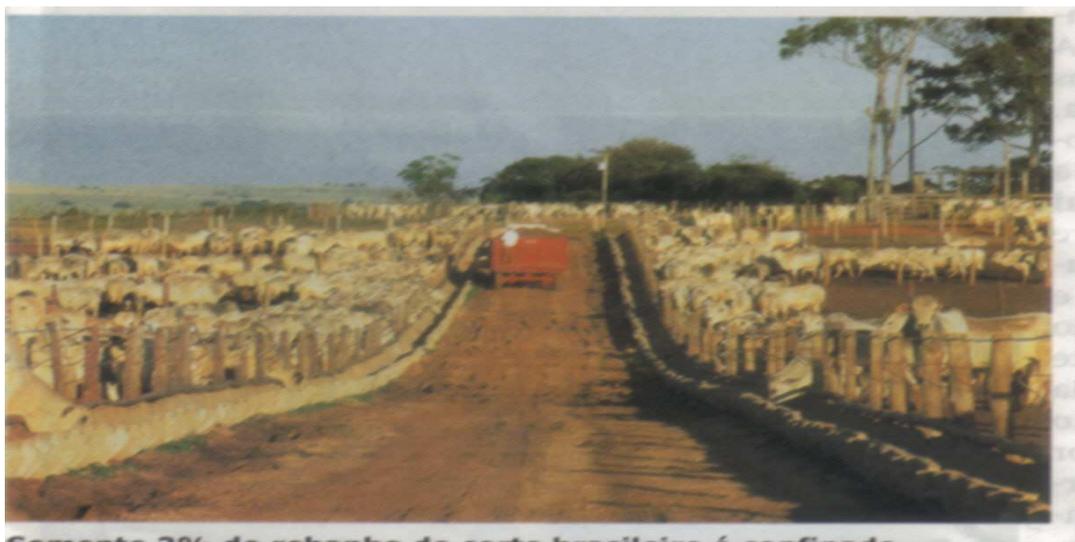


Imagem 6: Revista Panorama Rural. Fevereiro de 2002 WWW. Panrural. Com.br. A imagem mostra o confinamento bovino. A lógica é: o máximo aproveitamento no mais curto espaço de tempo e no menor espaço.

Logo não há sombra, nem abrigo de pequenos predadores que auxiliam no combate de parasitas como o carrapato e a mosca de chifre.

Atualmente, os grandes pastos foram substituídos por pequenos piquetes (ver anexo imagem) onde o gado anda pouco para engordar mais rápido e, ao contrário do que parece, este ambiente completamente limpo e de dimensões limitadas tende a estressar os animais.

O ambiente das antigas fazendas parece mais indicado à bovinocultura que o atual. E o curioso é que aquele acerto se dava muito mais por uma espécie de descuido do que por zelo. A carne consumida se aproximava muito da do, hoje almejado, “Boi verde”¹³. Todavia, aquele sistema produtivo apresentava grandes

¹³ Boi criado de maneira orgânica sem a utilização de anabolizantes

deficiências ligadas à falta de políticas públicas direcionadas ao setor, boiadas infectadas de frieiras provocadas pela febre Aftosa eram comumente abatidas e direcionadas ao consumo de maneira indiscriminada¹⁴.

¹⁴ As falhas desse sistema de vacinação acontecem ainda hoje. Durante as entrevistas foi constatado que alguns criadores de gado retiram as guias de vacinação contra a aftosa, mas não vacinam seus rebanhos.

CAPÍTULO II

Anos 60: um período de grandes mudanças na vida sertaneja.

2. A deteriorização do universo sertanejo

*“Diga você me conhece eu já fui
boiadeiro
conheço essas trilhas quilômetros e
milhas
que vem e que vão pelo alto sertão
que agora se chama não mais de
sertão,
mas de terra vendida civilização”*

Almir Sater



Imagem 7: Arquivo particular. Foto mostra Adelino calango Ex-boiadeiro. Junho de 2005.

Após a primeira metade do século XX, uma série de acontecimentos e inovações tecnológicas veio a modificar, substancialmente, a paisagem rural do noroeste mineiro, bem como várias instâncias da vida sertaneja. Esses acontecimentos se deram coincidentemente em um curto espaço de tempo que vai do início dos anos 50 à década de 70 e alteraram a noção de tempo e as formas de convivência, estabelecendo novos valores e modificando radicalmente os costumes.

No bojo dessas transformações, alguns sujeitos típicos daquela sociedade se descaracterizaram ou desapareceram (o que é o caso do peão de rebarba), mas antes disso, deixaram registro da conformação e resistência à nova ordem.

Nosso objetivo aqui não é catalogar todas as novidades tecnológicas nem especificar todas as transformações materiais ocasionadas nesse período. Faremos apenas uma abordagem daquelas que julgamos mais relevantes e que possuem ligação direta com o sujeito histórico aqui pesquisado.

Para isso é importante buscar compreender quais transformações foram essas, qual o verdadeiro impacto delas na vida sertaneja, em primeira instância, e conseqüentemente, na do arrebista. Dessa forma, queremos destacar os seguintes pontos: As mudanças no modo de produção, a construção de rodovias, a eletrificação rural e a chegada da TV.

2.1 As transformações no modo de produção

De todos os acontecimentos as transformações no campo do trabalho foram as que causaram impactos de maneira mais imediata. O latifúndio monocultor e exportador já se fazia presente desde o início do século, mas a partir dos anos 50 eles se expandiram e se tornaram altamente mecanizados. Nas festas agropecuárias os touros puro sangue passaram a dividir a atenção com tratores Massey-Ferguson o novo sonho de consumo dos grandes agricultores da região e ao mesmo tempo um pesadelo para os pequenos empreiteiros e meeiros. O trator fazia em uma hora o que o arado de tração animal levaria dias.

A concorrência não era desleal. Ela simplesmente não existia. Concorrer com a máquina era algo reconhecidamente impossível.

À medida que a maquinaria entrou em cena, animais e homens saíram; os primeiros passaram a ser apenas bois de engorda não foram mais cangados. Novas juntas não foram adestradas. Já os chamados “lavradores”, passaram a ter algo mais para oferecer aos patrões além da mão-de-obra barata: ofereciam o desespero de tornarem-se desempregados.

Não há dados que apontem o índice de desemprego gerado pela introdução dos tratores no Noroeste mineiro, mas os relatos de quem viveu essa época nos mostra que o fenômeno abalou significativamente o modo de vida daquela gente.

O que muitos ignoram é que quando o trator entrou na lavoura ele não substituiu apenas a força física do trabalhador pensar assim é perpetuar um discurso que ignora a inteligência sertaneja. O trator expropriou uma mão-de-obra que sabia reconhecer no simples ato de pisar o chão qual tipo de solo era aquele e de qual tipo de fertilizante ele necessitava. Esses mesmos sertanejos eram capazes de afirmar com bastante precisão se choveria ou não.

No entanto, na nova lógica produtiva, esses conhecimentos tornaram-se desnecessários. A chamada “agricultura industrial” chegava ao campo e pedia apenas braços para tarefas repetitivas e uniformes. O campo tornava-se “moderno” e incapaz de empregar a todos. Grande parte dos sertanejos, principalmente os mais jovens, tiveram de migrar para as cidades. Ou passaram a viver em regimes subumanos em carvoarias.

Nos anos 50 e 60 registrou-se no Noroeste de Minas o auge do carvão.

(*imagem 8*)



Imagem 8: Arquivo particular. Foto mostra (ao fundo) grande fila de caminhões carregados de carvão vegetal. Festa do carvão em João pinheiro. Setembro de 1965.

O desmatamento para cultivo de pequenas lavouras ficava em segundo plano. A meta agora era abastecer centenas de carvoeiras espalhadas de canto a canto. O caminhão que nas estradas aposentava a prática boiadeira nas fazendas, relegava antigos peões à condição de carvoeiros. Dezenas de sertanejos pobres e desempregados vendiam uma das poucas coisas que lhes restavam: a mão-de-obra barata quase escrava. Naquele novo ambiente de garfos e carvão o cavalo, ferramenta que melhor dominava, tornou-se desnecessário. O chapéu de couro

deu lugar ao boné publicitário dos postos de combustível e na paisagem esfumada das carvoarias restou o carroção puxado por bois que nunca estiveram em estado tão semelhante à de seus candeieiros¹⁵, agora, simplesmente denominados de *chapas* uma espécie de “*homem boi*” do carvão.

Também nas décadas de 50 e 60 registrou-se a construção de uma série de rodovias que substituíam as antigas estradas boiadeiras, muitas delas construídas sobre as antigas estradas como é o caso de alguns trechos da Br 040. Com a introdução das rodovias o Boiadeiro foi literalmente substituído pelo caminhão-gaiola, as casas de pouso desapareciam enquanto uma série de oficinas mecânicas (*imagem 9*)



Imagem 9: Arquivo particular. Trabalhadores de uma oficina mecânica em João Pinheir. Agosto de 1971. Todos os mecânicos dessa foto eram de origem sertaneja, filhos de peões ou de pequenos sitiantes.

surgia às margens das rodovias. Era, principalmente, para essas oficinas que muitos filhos de sertanejos se dirigiam à procura de uma oportunidade de trabalho. O objetivo curiosamente era “aprender uma profissão” esse foi o período auge das oficinas, casas de peças, ferragistas, lanterneiros, eletricitas e outros. Às margens das rodovias surgia uma nova forma de comércio voltado para prestação

¹⁵ Candeieiro: aquele que guia os bois. O adestrador.

de serviços e venda de produtos industrializados. Essas áreas ganhavam força e em muitos casos chegaram a deslocar o comércio central das pequenas cidades.

Corroborando com esse clima de grandes transformações, o agricultor Francisco de Assis¹⁶ usou uma expressão que, de certa forma, sintetiza aquele momento segundo ele: “Quando muda o curral é porque mudaram os bois”. E de fato o raciocínio procede pois as antigas fazendas foram tomadas por produtos agro-veterinários de empresas como a *Baier*. produtos como o *Aldrim*, a *Creolina* e o *Benzecriol* substituíram remédios de origem orgânica como a sucupira, ervas do cerrado, fumo, azeite e outros. O curioso é que hoje quase todos esses produtos orgânicos são estudados pela Embrapa e muitos apresentam eficiência comprovada. Por outro lado, verificou-se que alguns produtos amplamente divulgados e amparados pelo poder do discurso científico mostraram-se extremamente prejudiciais ao meio ambiente levando a uma destruição ambiental em cadeia.

Quanto ao boi, esse deixou de ser um “bicho do mato” e passou a ser uma espécie de bife rastreado. O boi verde tão alardeado já existiu e foi substituído por uma lógica muito parecida com a que tenta reinventá-lo. As modernas práticas de criação bovina mostram-se cruéis e violentas. Nunca os animais estiveram tão confinados, andam pouco para engordar rápido e morrerem cada vez mais cedo.

Na maioria dos casos se alimentam de uma única espécie de capim a *braquiária tecumbes* ou então ficam restritos a rações de natureza duvidosa compostas de carcaças de aves como é o caso da cama de frango proibida em quase todo território brasileiro, mas que ainda é utilizada de maneira indiscriminada.

Em outras palavras, a pecuária atual transformou animais naturalmente herbívoros em onívoros e padronizou o rebanho nacional. No lugar do denominado *curraleiro* ou *pé-duro*¹⁷ “feio”, porém extremamente resistente, temos uma grande quantidade de zebus geneticamente modificados cada vez maiores e prematuros sendo que muitas das características que procuram acrescentar a

¹⁶ Francisco de Assis e Souza 68 anos. Agricultor . Entrevista em 1 2/06/2005

¹⁷ Corresponde a um tipo bovino que hoje vem sendo tratado como uma raça típica do interior brasileiro. E que se encontra praticamente extinta.

esses animais já estavam presentes no curraleiro, tais como a resistência a climas desfavoráveis e a rusticidade.

2.2 A energia elétrica e a chegada da TV

A chegada da energia elétrica foi percebida por muitos sertanejos como uma espécie de benção, algo milagroso, mágico, mas não necessariamente indispensável às suas necessidades vitais. O simples fato de apertar um botão e acender uma lâmpada, era por si só motivo de deslumbre. Segundo João Manoel, encarregado da CEMIG, ao instalar a eletrificação rural em uma determinada propriedade notou que ao acender a luz, os moradores ficaram a observar de maneira contemplativa a lâmpada acesa em pleno dia. Segundo ele, aquelas pessoas estavam maravilhadas. Ora, esse relato, aparentemente, banal nos mostra como determinados acontecimentos podem ser percebidos de maneira substancialmente diferente conforme a relação de tempo/espaço.

Não podemos pensar a chegada da energia elétrica segundo impressões contemporâneas. Grande parte dos sertanejos daquele lugar não dependia dela para o lazer nem tão pouco para o trabalho - quadro que se modificou com extrema rapidez. Assim, creio que não se deve pensar as transformações históricas pelo viés da comodidade e usar tal valor como efeito comparativo seria não só arriscado como poderia representar a supervalorização de uma época em relação a outra.

Em algumas regiões do Noroeste mineiro, até início dos anos 60, a noção de energia enquanto força motriz geradora de comodidade e, portanto, indispensável, ainda não estava devidamente consolidada. Energia era basicamente sinônimo de luz e não de força como estamos acostumados.

Laudos da CEMIG mostram que muitos agricultores nos primeiros projetos de eletrificação rural optaram por não ter energia elétrica mesmo tendo condições materiais para obtê-la. Num segundo momento, outro fator que curiosamente pesou na hora de se adquirir energia elétrica foi a possibilidade de instalar um objeto, absolutamente sedutor a, televisão, que se popularizava rapidamente.

Segundo Luiz Márcio¹⁸, uma das principais perguntas dos sertanejos ao receberem energia em casa era: “vai dá pra ver televisão?”.

A energia elétrica e a TV contribuíram decisivamente para um processo radical de mudança de costumes: passou-se a dormir mais tarde, o rádio perdeu um espaço significativo e locutores que apresentavam programas de fim de tarde e início de noite começaram a reclamar das perdas contínuas de audiência¹⁹.

A TV trouxe ao sertanejo uma realidade pasteurizada, empurrada garganta abaixo de um Brasil sertanejo que antes mesmo de se auto-conhecer, entrou em acelerado processo de deteriorização. O “Brasil”, pelo qual o Brasil não se importava era engolido pelo “Brasil fantástico”. Os programas de jornalismo rural pareciam conhecer melhor o sertão do que qualquer sertanejo. Era chegada a hora do tecnicismo científico.

De repente o sertanejo viu-se retratado pelas lentes que o apresentava da mesma forma que o ignorava.

Os padrões comportamentais que alicerçavam aquela sociedade como a fraternidade e a ajuda mútua foram, paulatinamente, substituídos por relações comerciais individualistas e por técnicas agrícolas impróprias para aquela realidade.

A TV levou a uma padronização cultural que modificou de maneira irreparável a vida sertaneja. A fala foi ridicularizada por um linguajar pastiche absolutamente devedor à riqueza lingüística do sertanejo. O que havia de poético e metafórico foi substituído por bronquices pré-conceituosas que só ajudam a reforçar estereótipos. A cidade tornou-se virtualmente constante na vida dos pequenos agricultores ou trabalhadores rurais. O modo de vida sugerido pela TV tornou-se dominante. O sertanejo passou a dormir mais tarde porém as visitas noturnas, ato costumeiro da cultura sertaneja e de fundamental importância para a organização daquele meio, praticamente cessou: a hora certa do plantio e a

¹⁸ Luis Márcio Felício, 64 anos. Funcionário aposentado da CEMIG que atuou no processo de eletrificação rural nos anos de 67 à 85. Entrevista 18 de janeiro de 2005.

¹⁹ Relatórios mensais da Radio União de João pinheiro datados de abril de 72 dão conta desse fenômeno.

utilização de novas sementes seriam cada vez menos uma prosa de vizinhos. As atenções agora estavam voltadas para a viúva Porcina.

A partir disso, podemos concluir que de 1955 á 1965 o Noroeste de minas registrou uma série de mudanças que alterou as relações sociais tendo como conseqüência a descaracterização cultural e material do universo sertanejo. As formas tradicionais de organização do trabalho e a noção de espaço/tempo foram alteradas, mostrando-se incompatíveis à lógica da máxima produção no menor espaço de tempo. A racionalização do espaço fez desaparecer uma série de mitos e contos. As relações intrínsecas do homem para com a terra foram substituídas pela esterilidade do tecnicista ou pela limitação dos novos vaqueiros.

O patronismo de caráter patriarcal foi substituído pela lógica empresarial. Grandes empresas de “reflorestamento” como a alemã Manesmmam recrutava mão de obra urbana para trabalho braçal no cerrado. Curiosamente, muitos migraram para as cidades e voltaram a trabalhar no campo.

Todas essas transformações levaram a um processo de descaracterização do universo sertanejo e de seus sujeitos. Dentro dessa lógica de grandes transformações, aqueles que não viraram bóias-fria ou carvoeiros tornaram-se, em menor intensidade, pequenos sitiantes ou continuaram trabalhando como peões em grandes propriedades. Porém, o conhecimento sertanejo foi se mumificando devido às incompatibilidades com as novas exigências do meio rural.

Se em anos anteriores as cidades eram um prolongamento do campo agora a situação se invertia, o sertanejo foi desconectado do sertão, muitos dos novos trabalhadores ignoram o próprio campo desconhecem antigos remédios, ignoram a natureza, desconhecem os animais, não sabem discernir a diferença entre uma cobra venenosa de uma não peçonhenta. Muitas vezes, não se reconhecem na música caipira e possuem grande dificuldade em se auto-definirem. Não sabem se são peões, vaqueiros, caseiros ou caubóis. Mas uma certeza quase todos têm, não são boiadeiros.

CAPÍTULO III

(A PRÁTICA BOIADEIRA E OS PEÕES DE ARREBO)

3. A prática boiadeira

“Ele foi levando boi um dia ele se foi no rastro da boiada”

SATER, Almir. Boiada



Imagem 10: Arquivo particular boiadeiro tocando boiada. Maio de 2002

Ao procurar referenciais historiográficos sobre as boiadas, percebi que esta temática, aparentemente, não é um assunto muito abordado. A boiada geralmente é tratada como um simples manejo, uma técnica de locomoção de rebanhos, que apesar de ser verdade, não dá conta das complexidades dessas ações, menos ainda de seus múltiplos sujeitos e relações. Uma exceção desse tipo de abordagem foi feita por Caio Prado Júnior em *Formação do Brasil Contemporâneo*.

Nesta obra, ao falar da pecuária, ele aborda de forma rápida as boiadas:

“Por que ela (pecuária) ainda aí está idêntica ao passado, nestas boiadas que no presente como ontem palmilham o país, tangidas pelas estradas e cobrindo no seu passo

*lerdo as distâncias imensas que separam o Brasil; realizando o que só o aeroplano conseguiu em nossos dias repetir: a proeza de ignorar o espaço*²⁰

Todavia, desde os estudos de Caio Prado a pecuária nacional mudou muito. As várias estradas boiadeiras que ainda existiam foram paulatinamente substituídas pelas rodovias e o transporte de animais a passo tornou-se obsoleto e economicamente inviável.

As boiadas foram, praticamente, extintas, ficando restritas a regiões pantaneiras ou pobres como o Pantanal e Vale do Jequitinhonha MG. Porém, apesar da quase extinção das boiadas penso que elementos desse universo boiadeiro ainda resistem mesmo que em muitos casos de maneira descaracterizada. Para entender esse universo é importante entender a importância da criação bovina para aquela economia. Pois o Sertão mesmo designando uma área vasta e indefinida no interior do Brasil, apresenta uma certa linearidade, conferida por uma das atividades econômicas ali predominantes: a pecuária extensiva. A presença do gado muito contribuiu para “unificar” o Sertão e sua importância se confirma na frequência com que aparece nos objetos do cotidiano, na religiosidade, nos ditados e máximas e nas histórias que circulam entre sua população.

Segundo a prof^a Sandra Guardini:

“Desde o século XVII, o boi ocupa um lugar de relevo na paisagem rural brasileira e constituiu-se num fator determinante de ocupação da terra, tendo auxiliado na aceleração do processo de povoamento de áreas extensas e transformado a fazenda de gado em centro de poder. Aí os vaqueiros assumem papel fundamental, pois a eles são atribuídas tarefas para cuja execução são necessárias coragem e experiência: amansar, curar e proteger os animais, preparar os campos de pastagens, transportar boiadas, etc. Acostumado à vida livre nos pastos extensos, o gado era reunido no curral apenas durante a” apartação“ época em que a habilidade dos vaqueiros em localizar e perseguir bois desgarrados era testada e confrontada com a força e rapidez do animal que se rebelava contra o jugo do laço e do ferrão”²¹

Numa economia baseada principalmente na subsistência e de difícil ascensão social, o trabalho com as boiadas criava fortes vínculos entre homem e

²⁰ JÚNIOR Caio Prado. Formação do Brasil Contemporâneo

²¹ GUARDINI, Sandra. Os mundos de Rosa. São Paulo. Unicamp, 2002.

animal e abria possibilidade concreta de uma pequena ascensão social, isto é, de passagem de empregado a dono, como relata Capistrano de Abreu:

*“Adquirida a terra para uma fazenda, o trabalho primeiro era acostumar o gado ao novo pasto, o que exigia algum tempo e bastante gente; depois ficava tudo entregue ao vaqueiro. A este cabia amansar e ferrar os bezerros, curá-los das bicheiras, queimar os campos alternadamente na estação apropriada, extinguir onças, cobras e morcegos, conhecer as malhadas escolhidas pelo gado para ruminar gregariamente, abrir cacimbas e bebedouros. Para cumprir bem com seu ofício vaqueiral, escreve um observador, deixa poucas noites de dormir nos campos, ou ao menos as madrugadas não o acham em casa, especialmente de inverno, sem atender às maiores chuvas e trovoadas, porque nesta ocasião costuma nascer a maior parte dos bezerros e pode nas malhadas observar o gado antes de espalhar-se ao romper do dia, como costumam, marcar as vacas que estão próximas a ser mães e trazê-las quase como à vista, para que parindo não escondam os filhos de forma que fiquem bravos ou morram de varejeiras. Depois de quatro ou cinco anos de serviço, começava o vaqueiro a ser pago; de quatro crias cabia-lhe uma; podia assim fundar fazenda por sua conta”.*²²

Esse tipo de relação ou a prática boiadeira não é algo tão remoto quanto parece. Até meados do séc. XX, essa, tônica ainda era uma constante. Muitos ex-boiadeiros ainda estão vivos e para essa pesquisa, o contato com eles mostrou-se fundamental não apenas pelas possibilidades de investigação da memória coletiva e individual, mas pela própria condição de vida atual dessas pessoas.

Assim, apresentaremos a prática boiadeira e partiremos daí para entender seus sujeitos e as relações estabelecidas por esses não apenas com seus pares, mas com os demais elementos do ambiente cultural sertanejo. O ponto de partida refere-se a uma situação específica: a ocorrência de uma grande boiada denominada Boiada dos Paulistas que, em 1958, mobilizou um grande número de peões. Essa boiada é importante não necessariamente por suas dimensões, mas por se dar em um momento de decadência daquela prática. As reflexões que se seguem tem como referencial esse acontecimento, e como finalidade compreender o jogo de relações interpessoais bem como as vivências e experiências no transporte da boiada.

Faz-se importante ressaltar, que os ex-boiadeiros aqui entrevistados representam uma estirpe praticamente extinta que por vários anos ocupou lugar

²² ABREU, J Capistrano de. Capítulos de História Colonial (1500-1800). Rio de Janeiro. Livraria Brigueit, p. 218.

de destaque nas relações de trabalho da sociedade sertaneja. Esses (ainda hoje) sentem prazer em relatar suas proezas, façanhas e decepções. São homens empoeirados pelo tempo, queimados pelo Sol e exauridos pelas estradas que percorriam tocando bois com os quais se misturavam e de tão misturados com eles se pareciam.

3.1 A boiada dos Paulistas de 1958: uma grande boiada

“A conversa era para teia de aranha, eu tinha de entender-lhe as mínimas entonações, seguir seus propósitos e silêncios”.

João Guimarães Rosa

Segundo relatos²³ em junho de 1958 iniciou-se no vale do Urucuia²⁴ uma das maiores boiadas já vistas no sertão mineiro. Começou “miúda”, como alguns fazem questão de frisar e à medida que os dias de marcha se passavam ela foi ganhando corpo. “*Em Bonfinópolis já tinha umas 700 cabeças daí veio mais umas 300 de Pirapora. No João pinheiro já passava de 2.000*”.²⁵ Essa boiada foi se formando e arregimentando bois ao longo de um percurso de aproximadamente 750 Km, vindo a atingir a surpreendente marca de mais de seis mil cabeças. Segundo Sr. Valdemar²⁶ esse número teria sido alcançado ainda no município de Patos de Minas, e para facilitar a contagem do gado foram utilizadas tiras de pano coloridas com cada cor significando uma determinada quantidade. Daí, a expressão **contagem de tiras**.

“No final das conta tava lá: Seis tira vermelha, uma azul, duas amarela e três branca: 6.123. Zé Alfredo anoto no moirão, se num derrubaram, ta lá até hoje. Os paulista anoto na gibeira²⁷”

Segundo Valdemar para acomodar o gado em uma propriedade próxima de Patrocínio:

“Fizeram dois curral. Curral nada, dois pasto, Uma porqueira de três corda do farpado. Também, fosse de Aruera, Haja madeira pra tanta cerca./ E tinha boi tão brabo que a cerca podia sê até de cimento que num sigurava. Aquês, só Deus. A sorte é que tava tudo cansado. Os primeiro vindo de mais longe já nem aluía. Teve-uns que nem siguiu viaje. O boi quando é fraco atrasa a andança.”

²³ Relatos de ex.boiadeiros ou sertanejos que participaram ou testemunharam aquela boiada.

²⁴ Rio situado na região Noroeste de MG.

²⁵ Moacir do Carmo Rosa. Ex. boiadeiro. Entrevista 20/05/2003. Foi membro da comitiva do rio Paracatu ao Porto do Diamante no Rio da Prata.

²⁶ Valdemar Jesus da Costa. *Vaqueiro*. Entrevista dias 13, 14 e 15 de Janeiro de 2005. Valdemar é ex-boiadeiro e atuou na *comitiva dos paulistas*.

²⁷ No ambiente sertanejo uma das *definições de gibeira remete ao bolso do gibão (roupa de couro)* assim entendam *pequeno caderno* de bolso.

Segundo consta, após a contagem do gado a boiada foi dividida em duas, uma parte seguiu para Cuiabá e a outra para Ribeirão Preto. Sr. Valdemar não seguiu viagem. Por motivos de saúde ficou na cidade de Patrocínio até se recuperar e depois retornou ao vilarejo de São Pedro da Ponte firme – Noroeste de Minas – local onde, até a data da entrevista, ainda residia.

Os números dessa boiada são impressionantes caso ela tenha sido organizada segundo os moldes tradicionais, teria uma largura de aproximadamente seis metros e um comprimento superior a 12 quilômetros. Como uma boiada desse porte, dificilmente pára durante o dia, é possível que após o romper da mesma os ponteiros e os culatreiros só voltassem a se ver ao entardecer.

Além disso, para tocar tantos bois era necessário uma comitiva compatível. Segundo Sebastião Anastácio²⁸ só peões de Canto foram mais de 60. Levando em consideração que estes participavam apenas de partes do percurso, é possível estimar que pelo menos 500 peões de canto participaram dessa comitiva. Isso sem falar nos peões de culatra, ponteiros, cozinheiros e outros. *(Para melhor entender o corpo de uma boiada observe a ilustração em anexo p.60).*

Ao contrário de uma comitiva tradicional, esta não tinha formação fixa. Por isso, poucos peões incluindo capatazes teriam participado de todo o trajeto.

Sebastião relata, ainda, que em alguns trechos, foi preciso abrir caminho com foices e machados. Ou seja, fazer estradas onde essas não existiam. O motivo era encurtar distâncias ou desviar de propriedades onde aquela boiada não seria bem vinda. A justificativa, segundo Sebastião, era os estragos causados por ela, vejam:

“A chuva fina mal abrandava o chão. Se as primeira reis fazia lama as derradeira fazia poeira. O sapeche²⁹ retorcia, Os barranco desmoronava e ia quebrando tudo, até boi se quebrava, daí, tinha de sacrifica o bicho fazê o quê largá à-míngua era ingrisia e no mais, dava castigo. Então a gente matava, e dava pras igreja era de bom agouro e o Divino abençoava a lida”

²⁸ Sebastião Anastácio dos Santos. *Ex-carreiro*. Entrevista 19 de janeiro 2005. Sebastião *trabalhou na abertura de uma nova estrada por onde passou a boiada*.

²⁹ Ramo típico do Noroeste mineiro, possui galhos retilíneos e compridos sem bifurcações. Segundo consta, os índios que viviam naquela região usavam aqueles galhos para *assar peixe*. Talvez a expressão assar peixe tenha se transformado na palavra *sapeixe*.

Sobre o relacionamento dos peões e da comitiva com moradores das pequenas cidades Moacir é enfático:

“Complicação mesmo só nas currutela. Currutela nenhuma gostava de boiada nem de boiadeiro. Diziam que era gente arruaceira, sem destino, ao deus dará. Por isso, os homi de Ribeirão chamava gente da terra pra equilibrar o melado”.

A existência dessa boiada tem uma importância singular por três motivos: por acontecer num momento de decadência da prática boiadeira, por suas dimensões que exigiam comunicação, organização e conhecimento. E por fim, por ter mobilizado um grande contingente de pessoas, fazendo convergir para ela diversos tipos de sujeitos os quais se correlacionavam de maneira muitas vezes conflitante. Claro indício de que, transformações radicais estavam a caminho.

Observem novamente essa fala de Sebastião Anastácio:

“A chuva fina mal abrandava o chão, se as primera reis fazia lama as derradeira fazia poeira”.

Ora, mas não eram meses de seca, quando praticamente não chove naquela região? A data estaria, realmente, precisa? Não seria outra época do ano? E se fosse, valeria a pena transportar tanto gado no período das chuvas, quando os rios Paracatu, Prata e Paranaíba tornam-se de difícil acesso?

Essas questões servem para que tenhamos cautela ao trabalhar com a memória. Pois, esta, não retrata o passado, mas o constrói a partir do presente fornecendo uma espécie de recorte subjetivo de experiências e, entender as razões desse recorte é um dos caminhos para melhor compreender o passado. Portanto, no caso das informações passadas pelo Sr. Valdemar, duas possibilidades parecem mais prováveis: a primeira é de que realmente tenha chovido.

E a segunda, mais crível, é que Valdemar, ao lembrar-se de um dado específico, cruzou experiências e sensações de momentos distintos. Nesse caso, a chuva fina que “mal abrandava o chão” talvez fosse apenas uma condição em

momentos chuvosos o que não quer dizer que naquela situação específica tenha chovido. Além disso, se choveu mesmo ou não, não tem a menor importância. O importante é o relato.

No tocante à prática boiadeira do Noroeste de Minas é importante ressaltar que uma série de informações e experiências de domínio coletivo entraram em desuso ou foram substituídas em razão do surgimento de novas técnicas ou formas de organização da vida rural. Observem o trecho abaixo:

“No final das conta tava lá: seis tira vermelha, uma azul, duas amarela e três branca: 6.123. Zé Alfredo anoto no moirão, se num derrubaram, ta lá até hoje. Os paulista anoto na gibeira”

Como podemos ver há aqui indícios de substituição de uma determinada prática. A **contagem em tiras** foi muito usada durante décadas e correspondia a um recurso eficaz de se contabilizar o rebanho utilizando pequenos pedaços de tecido colorido. Enquanto que os paulistas não compartilhavam daquela prática.

Esta contagem em tiras funcionava da seguinte forma: à medida em que a boiada passava por um ponto referencial, geralmente, uma porteira, dois peões iam contando o gado usando tiras de pano. Ao final da contagem a quantidade de cabeças era anotada no moirão em forma de entalhes.

Apesar dessa prática ter sido usual por muitos anos e até aquele momento ser aceita tanto por parte de quem comprava quanto de quem vendia o rebanho, algumas mudanças já se mostravam em curso e o local da anotação é um exemplo disso: a anotação em papel (feita pelos paulistas) era uma prática pouco utilizada, pois as informações tornavam-se vulneráveis às imprevisões do tempo, bem como a perdas, rasgos e rasuras.

Por outro lado, o moirão garantia a perenidade de tais informações ao também marcar divisas facilitava o trabalho do Arrebita³⁰ na localização de reses fugidias.

Outra particularidade desse tipo de prática é que se trata de uma forma de comunicação impressa, o que não era muito comum. Além disso, esse tipo de controle configura-se numa maneira eficiente de se preservar informações. Tanto

³⁰ O mesmo que *peão de rebarba*.

é que Valdemar ainda aposta em sua existência: “se num derrubaram, ta lá ate hoje”.

Foi interessante observar que Valdemar ao falar riscava o chão como se tentasse especificar onde aquele moirão se situava. Esse é um recurso gráfico muito usado pelos sertanejos. É a partir dele que se visualiza divisas de propriedades ou características específicas de determinados lugares.

Visando conhecer melhor essa técnica prestei bastante atenção ao que Valdemar desenhava e após a entrevista procurei transpor para o papel aquele desenho. Para isso, busquei copiá-lo com o máximo de fidelidade. A serventia daquele mapa não era encontrar a antiga porteira pois o local da mesma já era sabido desde pesquisas anteriores. O objetivo então, era entender suas linhas, churas e espaços. Para desvendar tal mapa fiz o caminho inverso partindo do ponto de chegada. O resultado dessa experiência foi surpreendente e o mapa mostrou-se de grande eficácia: até mesmo o comprimento das linhas eram proporcionais às distâncias a serem percorridas.

Outro dado curioso é que o Sr Valdemar elaborou informações para alguém que já deveria ter tido um conhecimento prévio a cerca daquele lugar. Quanto ao moirão, este ainda está de pé, aproveitado como esteio de um puxado na propriedade de Anísio Ferreira³¹ e Segundo ele, assim que adquiriu aquela propriedade mandou desmanchar a antiga cerca por pouco, aquele moirão não fora transformado em lascas. Vejam:

“Fiquei com dó de rachar esse pau e como a madeira ainda tava boa eu resolvi aproveitá ele pra fazê esse puxado. Deu um trabalho pra arrancá menino. Os antigo era bruto demais, num sei pra quê fincar desse tanto”.

Levando em consideração o peso da madeira e sua parte enterrada, é possível imaginar as dificuldades encontradas por Anísio. Mas é difícil entender como pode um jovem agricultor, de origem sertaneja, ignorar os conhecimentos de um passado ainda tão recente. O que ele chama de “bruto” nos “antigos” era algo resultante de um conhecimento acumulado ao longo de gerações.

³¹ Anísio Teixeira, 35 anos. Pequeno agricultor. Entrevista 15/07/ 2005



O fato de fincarem um moirão a quase um metro e meio de profundidade e ainda calçá-lo com travesseiros de pedra, servia para que aquela madeira não cedesse, bambeando ou pesando a porteira.

Além disso, a grossura, aparentemente descabida, era para que melhor resistisse aos efeitos do tempo. Isso explica o fato de, ainda hoje, haver naquela madeira na altura de 1.80 uma espécie de inscrição feitas em entalhes, lineares e espaçados interrompidos pelo desgaste natural da madeira. Caso seja essa a marcação sugerida por Valdemar, é possível concluir que para aquele tipo de anotação não se costumava usar os algarismos. De início pensei ser pela própria natureza da madeira e pela dificuldade de se entalhar com canivete números como 2, 3, 6, 8, e 9.

Porém, ao observar algumas anotações feitas, recentemente, por ex-boiadeiros, percebi que aquele tipo de recurso ainda é utilizado, inclusive em anotações em papel. Uma das razões disso é a praticidade dessa técnica pois com ela é possível saber com exatidão quantas reses passaram pelo ponto de conta³², bem como a média de peso e idade de todo o rebanho.

Imagem 11. Arquivo particular. Curral de amoio feito em aroeira. Hoje reduzido a um quinto de seu tamanho original. Foto tirada em janeiro de 2006.

Como já foi citado, uma das características da cultura sertaneja é a confecção de benfeitorias resistentes. (*imagem 11*) No entanto, isso não pode ser

³² ponto referencial por onde, ao passar, as reses são contadas

visto de maneira categórica. Em muitos casos, era funcional e necessário o feito de Construções e objetos efêmeros. Sebastião Anastácio, um antigo carreiro, que testemunhou a boiada dos paulistas fez o seguinte comentário a respeito dos **currais de amoio** ³³

“Fizeram dois curral. Curral nada, dois pasto. Uma porquiceira de três corda do farpado. Também, se fosse de Aruera, num tinha madeira pra tanta cerca./ E tinha boi tão brabo que a cerca podia sê até de cimento que num segurava. Aquês só Deus. Avalença é que tava tudo cansado. Os primeiro vindo de mais longe já nem aluía. Teve uns que nem siguiu viaje. O boi quando é fraco atrasa a andança.”

Observem que, Sebastião Anastácio, principia uma crítica à construção dos currais. más, rapidamente, se corrige reconhecendo que uma construção resistente seria desnecessária. Isso serve para percebermos como aquelas pessoas organizavam e estabeleciam critérios entre o duradouro e o efêmero, o perene e o circunstancial, chegando este ultimo, a adquirir caráter de norma. Um exemplo são os *canzís* ³⁴ confeccionados em madeiras fracas - ao contrário das *cangas* ³⁵, quase sempre de Bálamo ou sucupira. A razão é simples e, novamente, funcional: em caso de impacto os canzis devem se partir evitando que a canga (de fabricação mais trabalhosa) se quebre.

Outro ponto significativo nos relatos de Sebastião Anastácio é sua própria linguagem, carregada de metáforas, característica comum daquela cultura. Observem essa expressão: “o boi quando é fraco atrasa a andança”. A frase, apesar de referir-se a um dado específico, ou seja, uma rês machucada, encontra-se deslocada da própria ação. Ao substituir a palavra boiada por andança Sebastião desloca essa frase do contexto que a prescindia situando-a num universo metafórico e poético de abrangência universal. Ao usar um termo referente a uma ação humana (andança) é estabelecido um paralelo da condição humana para com a do boi. Esse recurso é bastante utilizado pelos sertanejos.

³³ Curral destinado ao descanso da boiada.

³⁴ Pequeno artefato de madeira com entalhe nas estremidades responsável por prender o pescoço do boi junto à canga.

³⁵ Peça de madeira que por meio dos canzis prende o boi pelo pescoço ligando-o ao carro ou ao arado.

Observe, por exemplo, a fala de Moacir do Carmo ao caracterizar a “peleja” de vaqueiros ao lidar com reses fugidias. Segundo ele o peão:

“Peitava o tal, dava um tombo e quebrava o bicho, sangrava as venta. A maioria se ajeitava e tomava rumo. Mas tinha uns que amurrinhava, quetava. Ganhava no deitá. Aí, nem matá podia”

Observem que a narrativa de Moacir dá ao boi características humanas e vice-versa. Amiúde o sertanejo fala de bois como se fala de gente e de gente como se fala de bois. Esse recurso de linguagem também se faz presente na música sertaneja, observem esses versos de Rolando Boldrim³⁶

*“Porque rumino desde minininho,
fraco mirradinho a ração da estrada
vou mastigando o mundo e ruminando
e assim vou tocando essa vida marvada”*

Ou esse outro de Almir Sáter:³⁷

*“Ele foi levando boi um dia ele se foi no rastro da boiada
Foram indo lentamente calmos e serenos lenta caminhada
e sumiram lá na curva, na curva da vida, na curva da estrada”*

Outra característica importante daquela linguagem é o silêncio intencional usado ao final das frases e compartilhado tanto pelo emissor quanto pelo receptor servindo como reflexão ou indagação. Mais do que sanar possíveis limitações do repertório oral como já foi sugerido por alguns pensadores, o que acho um parecer duvidoso, o silêncio faz mais que isso atende a fins que a oralidade dificilmente - ou na maioria das vezes - nem consegue solucionar.

Ainda sobre a linguagem, outro dado significativo é a utilização de recursos expressivos tais como: variação do tom de voz, reconstituição ambiental do espaço narrado, expressão corporal e utilização de recursos gráficos.

³⁶ BOLDRIM, Rolando. Vide vida marvada

³⁷ SATER, Almir. Boiada.

Um exemplo disso é que ao questionar Sebastião Anastácio sobre a boiada de 58 ele preferiu não ir direto ao assunto e organizou da seguinte forma seu relato: Era mês de maio de 1958, ele estava debaixo do tinguí (e apontou para o tinguizeiro) ferrando uma vara. Sua esposa, Sebastiana, estava no quintal socando o arroz. E seu compadre Antônio tinha acabado de sair pro barrocão para dar um repasso³⁸ no semblante e no Senado, quando apareceu um caboclo montado num campolino “das canela fina”, assustado e...

Percebam que o entrevistado poderia ter ido direto ao assunto, mas ao invés disso, optou por apresentar uma introdução composta por uma série de acontecimentos que, aparentemente, nada tinha a ver com o que lhe foi perguntado. O sertanejo tem por hábito situar no espaço e no tempo o assunto a ser narrado e o narra de maneira muito parecida ou pelo menos usando quase sempre os mesmos recursos e mais, conta-se seguidas vezes o mesmo caso para o mesmo receptor o que, não necessariamente torna a narrativa desinteressante ou cansativa, mas muito pelo contrário ela é sempre ouvida com muita atenção apesar de praticamente não haver elementos novos na narrativa.

Penso que esse tipo de recurso seja, não apenas um costume, mas uma maneira de conferir credibilidade à fala. Os sertanejos do Noroeste de Minas possuem a necessidade de contar repetidas vezes um determinado acontecimento como forma de conservar a memória coletiva, e como os vários feitos ou acontecimentos dificilmente possuem provas documentais torna-se fundamental recorrer a outras pessoas que possam dar garantias sobre o que se está dizendo. Daí, o fato de Anastácio ter citado na introdução de sua narrativa sua esposa e seu compadre. A justificativa - acredito - é que ambos podem assegurar o que Anastácio diz. Afinal, eles também estavam lá.

No Noroeste mineiro a “história” é contada em forma de *causos* com personagens centrais e secundários que se intercalam para a composição de um determinado acontecimento. Para eles, há uma diferença entre *causo* e *prosa*. *Causo* está mais ligado a um acontecimento passado relatado por um narrador

³⁸ Treinando.

podendo ser uma criação. “o contador de causos”. Já a *prosa* remete ao diálogo, podendo ser uma conversa descontraída ou um assunto mais sério.

Numa *prosa* entre dois sertanejos é importante perceber como se desenrola o diálogo. Há nela uma construção lógica onde o assunto principal é encadeado e vai sendo lapidado e aponta quase sempre para um desfecho, uma conclusão. Isso se dá de maneira implícita quase instintiva.

Na construção desse raciocínio há de se destacar o respeito à reflexão alheia a qual é muitas vezes ponderada, mas dificilmente interrompida. A *prosa* e o *causo* foram duas tônicas narrativas percebidas em quase todos os ex-peões entrevistados, principalmente, entre os mais velhos.

3.2 Os peões de rebarba ou arrebistas

“Currutela nenhuma gostava de boiada nem de alguns tipo de boiadeiro³⁹.”

A partir das informações colhidas sobre esta boiada de 1958 é possível perceber a dificuldade que os paulistas tiveram em lidar com aquele grande contingente de pessoas. Tinham como problema principal *“alguns tipos de boiadeiros”* que não eram bem vindos nas pequenas comunidades, mas que eram descritos de maneira pejorativa, porque geravam complicação. Será verdade que os moradores das currutelas realmente não os apreciavam? Se for, quais seriam os motivos?

Para tentar responder tais perguntas centrei-me em dois pontos. Primeiro, procurei averiguar se aquele posicionamento de Valdemar era uma constante entre outros sertanejos entrevistados e após várias entrevistas, percebi que sim. Depois, procurei entender quem eram aqueles sujeitos e a partir de todas as fontes posso afirmar com segurança que havia um tipo específico de boiadeiro: os *Peões de rebarba ou arrebistas* - serão chamados assim para situá-los de maneira específica perante os demais sujeitos da boiada.

No entanto é preciso ressaltar que os *arrebistas* não se definiam como tal, mas tão somente como peões. Todavia a habilidade inconfundível na lida com a boiada fez desses homens uma espécie de peões profissionais que surgiram naquela região juntamente com a pecuária e se mantiveram por décadas graças à prática boiadeira.

Viviam exclusivamente da lida com o gado e do transporte deste. Conheciam o sertão como ninguém e em se tratando de boiadas ficavam com a tarefa mais complexa e que exigia maior habilidade, destreza e experiência. Habilidades que podem ser percebidas no relato que se segue:

“Tinha boi que fugia, escondia, e quando o peão achava, o danado ficava galudo⁴⁰. Invistia. Parecia o Zé-telo⁴¹, mas pião que era bão num incaia. Peitava o tal, dava um tombo e quebrava o bicho, sangrava as venta. A maioria se ajeitava e

³⁹ Valdemar. Entrevista

⁴⁰ Nervoso, irritado.

⁴¹ No Noroeste mineiro *Zé-telo* é sinônimo do *Mal, do sinistro, do demoníaco*.

tomava rumo. Mas tinha uns que amurrinhava e quetava. Ganhava no deitá. Aí, nem matá podia”

O *peão* a quem Moacir se refere é um *arrebista*. Não é, portanto, um *peão* comum.

Para o sertanejo, *peão* é primeiramente quem trabalha no campo. Quando um agricultor diz querer contratar um *peão*, pode estar se referindo a um trabalhador de serviços gerais.

Em contrapartida, os *peões de rebarba* costumavam ser chamados de *peões de arrebo* para diferenciá-los dos demais: Moacir faz isto de maneira implícita ao reforçar a idéia de “*peão que era bom*”. Dessa forma, Moacir os diferencia e dá a uma ação corriqueira - *campear um boi* - uma dimensão quase épica. Transforma-a num duelo que é vencido pelo boi o qual como prova máxima de resistência, se deita impossibilitando o Peão de Rebarba de qualquer outra ação que não fosse matá-lo - um fato inconcebível.

Percebe-se aí uma relação homem-natureza bastante curiosa, uma espécie de código moral de conduta onde o boiadeiro que se dá por vencido e aguarda uma nova oportunidade.

Isto nos leva a concluir que, não muito raro, alguns *peões* eram obrigados a retornar à comitiva sem aquilo que tinham ido buscar. Nessa luta de *homem versus animal*, *razão versus natureza*, o *boi* saía vencedor, beneficiado por um imperativo moral seguido à risca por seu *algoz*. Ao *peão* só restava minimizar a desonra ressaltando as qualidades do “inimigo” e as desavenças da empreitada.

Isto de certa maneira tornou-se uma constante, gerando uma série de *causos* que abordam a lida com o gado em que o *arrebista* é quase sempre figura central e seu principal inimigo é o boi. Esses *causos* não são de todo uma ficção, na maioria das vezes há testemunhos e a tônica não está na criação de histórias fantasiosas ou imaginárias, mas sim na construção de ambientes reconhecíveis onde o embate homem natureza se desenha na lida cotidiana.

Esses *peões de rebarba* situaram-se, por vários anos, de maneira singular na vida sertaneja, sendo provas incontestes das mudanças radicais do modo de produção daquela sociedade que ao ser alterado, paulatinamente, os extinguiu.

Nos anos 60, aqueles peões já eram escassos em número e marginalizados. Eram tidos como necessários, uma vez que a lógica de transporte ainda era a de boiadas a passo.

Mas o comportamento arredo e violento dos arrebitas os dificultava negociações. Todavia essa é a versão do dono das boiadas ou de pessoas que, com o tempo, passaram a reforçar esse discurso, isso serve ao que tudo indica para reforçar o aparato ideológico dos fazendeiros.

Penso que o que havia era uma relação de trabalho onde a mão de obra qualificada era escassa e, por isso, valorizada o que inevitavelmente deveria irritar os grandes fazendeiros. Sem peões qualificados todas as etapas de produção estariam comprometidas.

Os *peões de arrebo* provavelmente percebiam isso. E seu comportamento “desprendido” se justifica pelo poder de barganha que ainda detinham enquanto classe. Para eles não importava o coronel, se *Farnésio* ou *Hermógenes*⁴². O importante é que independentemente dos donos dos bois sempre havia boiadas precisando de bons peões para transportá-las.

Surpreende a leitura que hoje se faz daqueles sujeitos que é equivocada e preconceituosa, bem como a noção de trabalho que parece ter se invertido, além de transformar o principal em algo secundário. Vejam:

“Num trabaivava não. (peão de rebarba) Vivia só por conta de boi. Passava o dia inteirinho encima do lombo do cavalo, andando dum lado pro outro. Quando num era tocando, era campiano ou então ficava vagando, dormindo de paiol em paiol. Nem pagava poso!”⁴³

Observem que a concepção de trabalho de *Doralinda* já não comporta o cuidado exclusivo para com o gado. A principal ação que até pouco tempo resumia a atividade daquela sociedade, agora é vista com desprezo e as pequenas cidades que se formavam naquela região reforçavam essa aversão e descaso aos *peões de rebarba*.

Nesse sentido, Moacir é categórico:

⁴² *Coronel Farnésio e coronel Hermógenes* dois latifundiários de grande influência no Noroeste mineiro até a quarta década do século XX

⁴³ Doralinda de Souza. 72 anos Agricultora aposentada. Entrevista 09 /08 2005

“Complicação mesmo só nas currutela. Currutela nenhuma gostava de boiada nem de alguns tipo de boiadeiro. Aqueles, era gente arruaceira, sem destino, ao deus dará. Por isso, os homi de Ribeirão chamava gente da terra pra equilibrar o melado”.

Esse trecho exemplifica a marginalização do *peão de rebarba*. Por seu comportamento, supostamente, violento, não eram bem quistos nas pequenas currutelas. As razões podem estar na ligação direta dos *arrebistas* com um passado do qual a vida urbana procurava-se desvincular. Ainda que naquele momento, as pequenas currutelas nada mais fossem do que simples extensões da vida rural, elas negavam os valores e costumes da vida rural os quais as mesmas não conseguiam deixar de referendar. E os *peões de rebarba* sintetizam esse momento catalisando as dicotomias entre o rural e o urbano.

Com a chegada das primeiras rodovias e dos caminhões a profissão dos *arrebistas* entrou em total colapso. O que mantinha tal profissão era as boiadas e sem elas os *peões de arrebo* não eram mais necessários. Como ex-peões tiveram de se acostumar em desenvolver outras atividades como a colheita de algodão que muito pouco exigia das qualidades técnicas de seus trabalhadores.

O Latifúndio monocultor apresentava funções que muitos *arrebistas* recusavam em executar. Afinal, para eles, lidar com bois ainda era uma atividade incomparavelmente mais “nobre” do que colher algodão.

Essa resistência evidenciou um certo rearranjo social do qual o *arrebista*, enquanto tipo, social fora formalmente excluído. Caberia, aos *peões* mais jovens renderem-se às lavouras ou carvoarias e aos mais velhos envelhecer.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Após dois anos de pesquisa e contato direto com a região e o tema pesquisado é possível destacar algumas conclusões bem como o surgimento de novas questões. Sobre as conclusões a primeira delas é de sentido amplo, refere-se a deteriorização do modo de vida sertanejo daquele lugar.

Como foi visto, a partir dos anos 60 o Noroeste mineiro viveu uma série de transformações em seu espaço físico e cultural que alterou significativamente os valores e costumes daquela região, os quais se sustentavam em três pilares: o espaço geográfico, a relação homem natureza e a tradição enquanto elemento organizador da vida material.

A noção que os sertanejos tinham de *sertão* extrapolava a idéia de lugar.

Sertão correspondia a uma espécie de *espaço vital* particularizado onde se organizavam sociedades agrárias que compartilhavam valores e costumes em comuns, os quais variavam de maneira bastante sutil de um lugar para outro. O sertão enquanto tal concepção desapareceu, os novos trabalhadores rurais raramente utilizam essa expressão e mesmo que a utilizassem, não alterariam as novas relações. Ao ser tomado pelo jeito de viver das cidades o *modo de vida sertanejo* foi paulatinamente perdendo aquilo que lhe era característico e estrutural.

Muitos dos novos trabalhadores rurais são de origem urbana. As cidades não conseguem empregar a todos e gera um grande contingente de mão-de-obra barata e desqualificada. Muitos dos novos peões não possuem entendimento do espaço físico e ignoram as aptidões e conhecimentos sertanejos. Em síntese, o que se verifica naquela região é uma zona rural de trabalhadores urbanizados.

Em relação às tradições é preciso ressaltar que foi observada uma mudança radical de valores. Compromissos firmados pela oralidade simplesmente não fazem mais sentidos. Os mutirões que materializavam a solidariedade e outros laços políticos de convivência – como bem frisou Antônio Candido⁴⁴ – também desapareceram. Não seria precipitado afirmar que o sertão, segundo a concepção aqui defendida, simplesmente não existe mais, se deteriorou levando com si seus principais elementos como é o caso da prática boiadeira.

Este trabalho buscou pensar a boiada não apenas como um manejo, mas como um dos elementos constituintes mais significativos daquela sociedade. Onde

⁴⁴ CANDIDO, Antônio. Os parceiros do Rio Bonito. Livraria Duas Cidades, 1982.

é possível verificar uma divisão de funções definidas pelas capacidades técnicas de cada estirpe social como foi destacado o peão de arrebo.

Sobre os arrebistas é importante destacar que de fato existiram. Relatos de pessoas diferentes, de diferentes locais ratificam esse parecer. No entanto, independentemente dos relatos, ao conhecer a organização de uma boiada e perceber suas complexidades é visível que a presença daqueles era algo, absolutamente, imprescindível. A constatação da existência dos arrebistas foi um ponto relevante dessa pesquisa. Nela, procurou-se identificá-los historicamente e posicioná-los num campo de observação que os resgatava dos limites mais profundos de uma memória coletiva que por muito pouco não os esqueceu. Os peões de rebarba por estarem intrinsecamente ligados àquele modo de vida foram, provavelmente, um dos tipos sociais que mais sentiram as grandes transformações das décadas de 60 e 70 a prova disso é que, naquela região, eles simplesmente não existem mais.

Assim, se ele existiu e sua figura carregava uma certa resistência junto ao que podemos chamar de *novos hábitos* é porque de certa forma havia alguma coisa no arrebista que ia de encontro ao novo quadro social que se estabelecia. Como a resistência se dava ao comportamento do peão de rebarba somos levados a imaginar que a partir de um determinado momento os valores, tradicionais, da cultura sertaneja entrou em choque com os valores urbanos. Havia então uma reação coletiva baseada em novos hábitos que reprimia os velhos costumes simbolizados pelos arrebistas. O que evidencia uma realidade de embates.

Em resumo o *sertão* transformou-se de maneira irreparável fazendo desaparecer muitos de seus principais elementos constitutivos, desses, destaque para ferramentas, utensílios, palavras, profissões, causos e principalmente de tipos sociais. No Noroeste mineiro, o *sertão* não virou mar, virou lavouras tocadas por alguns poucos homens.

Esta pesquisa apontou também para novas perspectivas de investigação. Uma delas seria a possibilidade de abrir um pouco mais o campo de análise procurando entender à prática boiadeira em outras regiões brasileiras como no

Sul, Centro Oeste e Nordeste. Perceber como essa prática se constituiu em locais diferentes e como ela se estabelece nos lugares onde ainda é praticada, com certeza, permitirá novos esclarecimentos sobre o assunto.

Outra possibilidade seria canalizar tal pesquisa para o campo da linguagem buscando dialogar de maneira sistemática com a obra de Guimarães Rosa, essa possibilidade mudaria, sensivelmente, o enfoque original do trabalho, mas abriria um campo vasto de novas possibilidades.

Bibliografia:

ABREU, J Capistrano de. Capítulos de história colonial. (1500-1800). Rio de Janeiro. Livraria Brigueit, p.218.

CANDIDO, Antônio. Os parceiros do Rio Bonito. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.

FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: História de classe ou história do povo? In: história e perspectivas, Uberlândia, Jan/Jun. 1992.

GUARDINI, Sandra. Os mundos de Rosa. São Paulo. Unicamp, 2002.

JÚNIOR. Caio Prado. Formação do Brasil contemporâneo: colônia / São Paulo. Brasiliense, 1977.

JÚNIOR. Caio Prado. A questão agrária no Brasil. São Paulo. Brasiliense, 1981

NETO, Regina Beatriz Guimarães. Artes da memória, Fontes Orais e relatos históricos. In: História e Perspectivas, Uberlândia (23): p. 99-114, Jul./Dez 2000

NOVAES, Adauto. "Sobre Tempo e história ". In: Tempo e história. Companhia das letras. 1996.

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. História regional e local: Problemas teóricos e práticos. In: História e perspectivas, Uberlândia, p.149-164, Jan./Dez 1997

SANTOS, Cláudio Alberto. "O Que Sobrou Do Palmo De Terra Da Estrada: O caipira num teatro popular local – 1981/82" In: História e perspectivas, Uberlândia (24): 191-217, Jan/Jun 2001.

THOMPSON, E. P Costumes em Comum. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo. Companhia das letras, 1998.

FURTADO, Celso. Análise do "modelo" brasileiro. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 6ª edição, 1978.

WUILHANS, Raymond. O Campo e a Cidade: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

ALEM, João Marcos. Caipira e Country: a nova ruralidade brasileira. Imprensa: São Paulo, 1996.

BARBERO, Martim. Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia. Imprensa: Rio de Janeiro: 2ª ed.UFRJ, 2003.

CANABRAVA, Alice. A grande lavoura. In: Sergio Buarque de Holanda. História geral da civilização brasileira. São Paulo, 1971.

LUCIDIO. João Antônio Botelho. “Nos confins do império um deserto de homens povoado de bois (A ocupação do planalto sul do Mato Grosso 1830- 1970) Niterói, 1993.

Revistas e Jornais:

_Safra / revista agronegócio – reino zebuino. Ed.Safra, ano IV, nº37, dezembro 2002.

_Veja / agronegócio exportação- Ed. Abril, edição 36, outubro 2004.

_Globo Rural / par perfeito. In: Republica da Laranjas, Ed. Globo, fevereiro 2006

_Globo Rural / exportação do boi gordo. In: Brasil que pesa, Março 2003.

_Panorama Rural / Brasil sertanejo que da certo – Ed.Safra, edição 16 setembro 2003.

Anexo:

Composição de uma comitiva

Cada homem ocupa uma posição estratégica

Ponteiro

O primeiro peão. Assopra o berrante e conduz o rebanho

Fiadores Respondem pela primeira metade do cortejo, nos flancos esquerdo e direito

Meieiro ou peões de canto. (canteiros)

Atua no coração da boiada

Culatreiro

O último homem. É responsável pela retaguarda.

Capataz ou Condutor

O chefe da comitiva. Tem a missão de entregar o gado completo e sadio

Cozinheiro

Responsável pelas refeições e pelo pouso



Imagem 13: Arquivo particular. Moagem de cana para a fabricação de rapadura. Julho de 2005.



Imagem 14: Arquivo particular. Esta imagem retrata o momento em que trabalhei na Fazenda São Jerônimo. O mesmo vale para as imagens nº 15 e 16. Julho de 2005.



Imagem 15: Arquivo particular. Trabalho na fazenda “matando porco”. Julho 2005.



Imagem 16. Arquivo particular. Essa foto mostra uma visão panorâmica da região de São Pedro da Ponte Firme, Noroeste mineiro (área que nos anos 50 abrigou várias famílias de pequenos agricultores). Hoje encontra-se destinada ao cultivo de algodão.